

**COMUNIDADE VIRTUAL INTERCULTURAL:
DIFERENTES LINGUAGENS INTERACIONAIS
E SUAS IMPLICAÇÕES³⁷**

Arlinda Cantero Dorsa (UCDB)

acdorsa@uol.com.br

Maria Cristina Lima Paniago Lopes (UCDB)

cristina@ucdb.br

Maysa de Oliveira Brum Bueno (UCDB)

maysaobb@gmail.com

1. Considerações iniciais

As mudanças organizacionais e curriculares, as sucessivas reformas e políticas educativas, a presença das tecnologias de comunicação e informação nas práticas pedagógicas exigem dos professores “novos papéis, novas competências e diálogos entre culturas”. (ESTRELA & FREIRE, 2009, p. 5).

Neste contexto, insere-se este artigo que tem por objetivo apresentar e discutir uma proposta de uma comunidade virtual intercultural iniciada em 2011 no ambiente Ning e focada em 2012 no ambiente facebook. A pesquisa volta-se a professores indígenas e não indígenas em formação continuada na comunidade docente da Escola General Rondon na Aldeia Bananal, localizada em Taunay – MS. Insere-se no Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED)/2005, subsidiado pelos órgãos de fomento CNPq e FUNDECT.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e colaborativa no sentido de que as experiências dos pesquisadores e professores são valorizadas e compartilhadas dentro de um contexto social de formação continuada.

Tem-se por questão norteadora se o grupo de professores no uso das novas tecnologias compreende que participar de uma comunidade virtual é interconexão de dois ou mais sujeitos voltados ao compartilhamento de experiências, pontos de vistas, práticas, conhecimentos, respeitando as diferenças para uma convivência harmoniosa mas nem sempre homogênea.

³⁷ Artigo é resultante de uma mesa redonda apresentada no V SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS realizado na UEMS (Campo Grande – MS), de 02 a 4 de abril de 2013.

Discute-se portanto, neste artigo, a importância da formação continuada, as perspectivas da educação intercultural vista conforme Fleuri (2003, p. 26), como estratégia potencializadora da “ação desencadeada pelo conflito, mediante o diálogo e o encontro, de modo a constituir espaços alternativos produtores de outras formas de identidades, marcadas pela fluidez, pela interação e pela acolhida do diferente”.

Outros aspectos necessários serão discutidos e voltam-se à comunidade virtual, a interação e as múltiplas linguagens utilizadas, pois não se pode falar em aprendizagem colaborativa sem também analisar o papel da linguagem fundamental para a vida em sociedade, pois confere sentido às mensagens trocadas nos diálogos estabelecidos, nas relações interpessoais, nos ambientes interativos e é por meio dela que conseguimos realizar a apreensão do mundo em que vivemos.

Participar de uma comunidade virtual é interconexão de dois ou mais sujeitos voltados ao compartilhamento de experiências, pontos de vistas, práticas, conhecimentos, respeitando as diferenças para uma convivência harmoniosa. Esta participação ativa e interativa são destaques na aprendizagem colaborativa “onde cada membro do grupo é responsável, quer pela sua aprendizagem quer pela aprendizagem dos restantes elementos” (MENEZES *et al* 2002, p. 171).

2. A formação continuada e as perspectivas interculturais: caminhos a trilhar

O pressuposto adotado pelo GETED em relação à formação continuada de professores é a necessidade de reposicionamento diante das complicadas conexões com a sociedade, incorporando um olhar de mundo, visto pelos despossuídos e oprimidos (APPLE, 1995). Sem a menor pretensão de “passar conhecimento”, mas (re)(des)construir outros tantos, optamos em abrir um espaço de encontros, trocas, partilhas, socialização de nossas práticas docentes, experiências vividas e pesquisas relacionadas à inserção das tecnologias de informação no contexto educacional.

Desta maneira, nós, professores e pesquisadores, iniciamos nosso trabalho com a proposição de que precisávamos fazer uso de nosso privilégio para abrir espaços, nas universidades e em outros lugares, para quem “ainda não está lá, para quem hoje não tem uma voz em tal espaço, e nos locais ‘profissionais’ a que, por estar em posição privilegiada, você tem acesso” (APPLE, AU & GANDIN, 2011, p. 16).

Entendemos que uma formação precisa ser construída não por acumulação de cursos, de conhecimentos, de técnicas, mas de um trabalho de reflexão sobre as práticas e da (re)construção permanente de uma identidade pessoal (NÓVOA, 1995).

Portanto, acreditamos que a formação deva ser concebida como aquela que “[...] assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação” (IMBERNÓN, 2004, p. 15).

Nossa preocupação sempre foi muito mais do que uma formação técnica e meramente instrumental, mesmo sendo algumas ações desenvolvidas no sentido de possibilitar a utilização das potencialidades que as ferramentas tecnológicas oferecem. Este uso sempre foi acompanhado de reflexões que visassem desenvolver uma postura crítica a fim de não lhes atribuir “valor de uso que chega a obliterar o lugar dos sujeitos”, esvaziando, intensificando e subordinando o trabalho docente (BARRETO, 2011, p. 355).

Entender e compreender a formação continuada de professores sob uma perspectiva crítica é tratá-la não como um “[...] substantivo, algo que pode ser conhecido, mesmo que temporariamente [...] mas sim como um verbo [...] que demanda múltiplas espécies de ação, reposicionamento pessoal e social e uma vontade constante de correr riscos” (APPLE, AU & GANDIN, 2011, p. 28).

Sob este prisma e refletindo sobre a inserção das tecnologias no contexto educacional e a relação das mesmas na formação continuada, retomamos os questionamentos de Barreto (2011, p. 355) quanto pergunta: tecnologias para quem? para quê? em que termos? Segundo a autora, “é preciso forjar alternativas de apropriação fundadas nos sentidos atribuídos pelo coletivo dos sujeitos nas salas de aula. As portas, por mais variadas que sejam, não dão conta das desigualdades e das diferenças ali presentes”.

Portanto, ressignificar nossos planejamentos da formação no sentido de considerar os movimentos descontínuos e dinâmico do processo de aprendizagem, tanto em relação à desterritorialização do tempo como do espaço, foi uma tônica em nossas ações.

Pensar em formação continuada em contexto intercultural é pensar em uma estratégia para potencializar a própria ação desencadeada pe-

lo conflito, mediante o diálogo e o encontro, de modo a constituir espaços alternativos produtores de outras formas de identidades, marcadas pela fluidez, pela interação e pela acolhida do diferente (FLEURI, 2003, p. 26).

3. Interação, interconectividade e colaboração: olhares necessários

Compreendemos que participar de uma comunidade virtual é interconexão de dois ou mais sujeitos voltados ao compartilhamento de experiências, pontos de vistas, práticas, conhecimentos, respeitando as diferenças para uma convivência harmoniosa.

Nas palavras de Lave and Wenger (1991) uma comunidade não implica necessariamente em copresença ou um grupo com fronteiras visíveis socialmente, mas implica participação em que há partilha de experiências, concepções sobre o que fazem e como vivem.

Na rede social da internet, há necessidade de dois elementos básicos: aqueles que estabelecem as suas conexões para se relacionarem, buscarem informações e conseqüentemente estabelecerem relações sociais – os atores; à medida que estes se conectam a outros, vão formando uma rede e esta se amplia entre nativos e imigrantes digitais (RECUEIRO, 2009).

Este contexto é o que encontramos cada vez mais na sociedade contemporânea e ele implica tanto as escolas de educação básica como também as instituições de ensino superior, ou seja: o novo perfil do estudante e do universitário.

Qual tem sido o papel de pesquisadores preocupados com este novo contexto em que estão os professores inseridos? Encontramos nas palavras de Ibiapina (2008) uma das respostas quando traz para discussão o real papel da universidade:

[...] aproxima a universidade da escola, visto que, de um lado, contempla o campo da pesquisa, quando o pesquisador aproxima suas preocupações das preocupações dos professores, compreendendo-as por meio da reflexividade crítica, e proporciona condições para que os professores revejam conceitos e práticas; e de outro lado contempla o campo da prática”. (IBIAPINA, 2008, p. 114)

Quando apresenta a “aprendizagem colaborativa” como um dos elementos fundamentais para contribuir no processo do ensino-aprendizagem, Menezes et al. (2002, p. 171) enfatiza que a participação ativa e a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

interação são destaques nesta aprendizagem pois “cada membro do grupo é responsável, quer pela sua aprendizagem quer pela aprendizagem dos restantes elementos”.



Aldeia Bananal – locus da pesquisa

Nesse sentido, ao propormos um diálogo intercultural virtual em rede com as situações vividas respeitando os saberes de cada integrante do grupo em processo de formação, reforçamos a necessidade de se utilizar práticas colaborativas em um processo permanente de aprendizagem.

4. As múltiplas linguagens nos ambientes colaborativos

O enriquecimento e a extensão das linguagens nos ambientes colaborativos abrem possibilidade de simular, imaginar olhares diversos ou estabelecer uma alteridade segundo Lévy (1996), já para Araújo & Marquesi (2009) elas possuem duas faces: uma informal utilizada como estratégias de aproximação e a outra formal utilizada nos textos escritos que abrem possibilidades do texto ser pensado, planejado e reescrito.

É sabido o quanto a ampliação das possibilidades discursivas e suas múltiplas linguagens são decorrentes das transformações e ampliações provocadas pela comunicação mediada pelas novas tecnologias digitais. Nesta multimodalidade de recursos semióticos e pela dinamicidade interativa que se opera em todas as áreas, percebe-se cada vez mais que as “transformações não só operam com os tradicionais princípios da textualidade como os subvertem e os sofisticam em função de novas estratégias de textualização, no mínimo desafiadoras pra a pesquisa e ensino”. (ARAÚJO, 2005, p. 13).

A evolução da inteligência humana acompanha passo a passo não apenas a evolução da linguagem mas, ao longo das décadas com o surgimento das tecnologias, as transformações sofridas pela linguagem falada e escrita a partir dos recursos variados oferecidos pelos ambientes virtuais.

A dimensão dos desdobramentos comunicacionais que as linguagens das tecnologias podem oferecer leva-nos cada vez mais a refletir que os avanços tecnológicos permitiram não só a ampliação e a padronização lexical por estarem em constantes transformações como também o “ciberespaço tem capacidade de integrar diferentes vozes sem que haja prevalência de uma sobre as outras (LEVY, 1999)

No entanto, é importante, que ao se discutir a questão da linguagem nos ambientes virtuais, que se observem, segundo Koch (2007) quais as concepções da palavra ao longo da trajetória humana e que pode ser visto como:

Representação do mundo e do pensamento	A função da linguagem é representar o pensamento e o conhecimento humano
Instrumento de comunicação	Por ser um código, a língua é instrumento de comunicação emissor > receptor
Lugar de ação e interação	A linguagem é atividade e forma de ação interindividual exigindo interlocução, reação, interação e comportamentos anteriormente inexistentes.

Texto readaptado de Koch (2007)

No lugar de ação e interação podemos observar os contatos entre interlocutores em um ambiente virtual no uso da linguagem e de acordo com Bakhtin (2004) a palavra por ser tecida a partir de inúmeros fios ideológicos, tem condições de penetrar literalmente em todas as relações entre indivíduos.

Se levarmos para o contexto do ambiente virtual, os discursos passam por construções, reconstruções e desconstruções na e pela interação social e isto ocorre não só pela multiplicidade de sentidos que as palavras possuem como também pelo caráter dialógico e polifônico que provocam ao serem proferidas.

Sendo assim, a nova realidade educacional precisa ser conhecida, vivenciada e apreendida criticamente pelos educadores. É preciso que todos possam ter a necessária fluência e compreensão do ensino mediado pelas novas tecnologias para saber melhor aproveitá-las em suas atividades rotineiras de ensino, para ousar e transformar. (BRESSANE, 2006).

As possibilidades oferecidas pelas atuais tecnologias digitais de comunicação e informação tratam não apenas da utilização dos ambientes digitais como recursos ou ferramentas educacionais, mas de outra maneira de se fazer educação, situada em novos tempos e espaços educacionais, novos papéis para professores e alunos, e novas formas de relacionamento, oportunidades e resultados (KENSKI, 2007).

Ao enfocar a evolução tecnológica Kenski (2000) afirma que ela não se restringe aos novos usos de equipamentos e/ou produtos, mas aos comportamentos dos indivíduos que interferem/repercutem nas sociedades, intermediados, ou não, pelos equipamentos. Esta interferência só pode ocorrer no uso da linguagem pois, segundo Galli (2010, p. 147) ratificando o pensamento de Koch (2007) constituem-se “as línguas como instrumento de comunicação, fonte de ação e de interação humana” e “constroem-se a partir da língua comum, adaptando vocábulos e em grande parte por meio de empréstimos da língua inglesa”.

Outras contribuições nos traz Galli, de acordo com a autora no ambiente virtual surgem excelentes oportunidades por meio das leituras de ampliação e enriquecimento das ocasiões de produção de sentido por “permitir todas as dobras inimagináveis, ou seja, há um movimento de dobramento e desdobramento de um texto e/ou das informações” (GALLI, 2010, p. 153).

Quando textos, imagens e sons se sobrepõem, nessa rede, formam

um hiperdocumento que pode ser acessado a qualquer momento e de qualquer lugar, basta que se disponha das condições técnicas para isto, (LEVY, 2000, p. 119, *apud* ARAUJO, 2010)

De acordo com Porto (2006) há um potencial educativo que podem reforçar comportamentos e modelos comunicativos de ensino no uso de novas ou velhas tecnologias nos ambientes virtuais e neles devem ser inseridos:

Rapidez	Característica das novas tecnologias na disponibilização e processamento das informações
Recepção individualizada	Disponibilidade ao usuário de um conjunto de informações/conhecimentos/linguagens abrindo inúmeras possibilidades e ritmos de ações.
Interatividade e participação	O usuário pode assumir o papel de sujeito e nesta relação há uma possibilidade de diálogo e comunicação nas relações interativas com os meios
Hipertextualidade	Há diferentes opções de escolha para o usuário no uso do texto virtual por permitir associações, mixagens em busca de informações ou caminhos.
Realidade virtual	Há interação com a realidade das imagens com o objetivo de significações e interações com elas.
Digitalização /ideologia	A possibilidade de surgimento de diferentes linguagens permite que os meios/tecnologias possam se relacionar com outras linguagens como imagens, narrativas, sons e movimentos.

PORTO Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. Texto readaptado

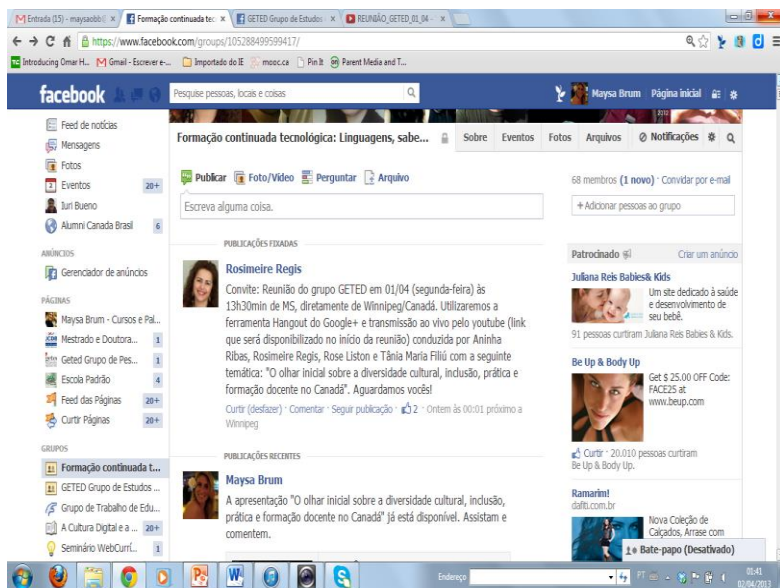
5. A prática docente no ambiente virtual

Na pesquisa realizada pelo GETED, no período de 2011 a 2012, os participantes da formação continuada totalizaram 23 professores, sendo 12 indígenas e 11 não indígenas. Foi realizada inicialmente no ambiente Ning, sendo que houve desde o nosso primeiro encontro na aldeia, uma dificuldade em inserir os participantes e depois de perceber efetivamente a participação no ambiente.

FORMAÇÃO TECNOLÓGICA CONTINUADA



Ao percebermos que parte da comunidade já utilizava o ambiente facebook, optamos em 2012 em utilizá-lo.



Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A formação continuada proporcionou-nos interações virtuais no facebook, com discussões e reflexões sobre teorias e práticas docentes relacionadas às tecnologias de informação e comunicação inseridas no contexto educacional.

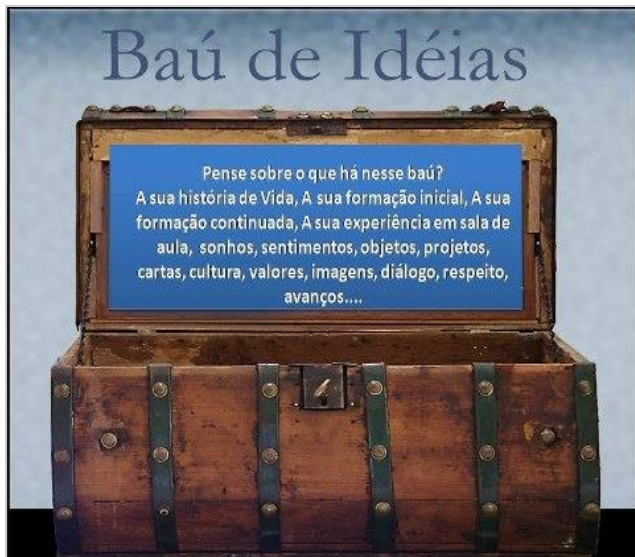


É possível perceber que, ao privilegiarmos a cultura e identidade dos professores indígenas e não indígenas nas interações realizadas no ambiente virtual, nos damos conta que tal identidade se constrói *na* e através *da* linguagem, utilizada por seu grupo ou comunidade. Desse modo, a linguagem acompanha e se relaciona com a cultura, através das palavras, dos textos, dos símbolos que expressam os saberes de um povo.

Nesta análise, fizemos a opção de trabalhar com a etnografia virtual como proposta mais adequada para a coleta de dados na rede social facebook.

A imagem abaixo foi postada por uma das pesquisadoras com um texto que trazia uma provocação voltada às lembranças de cada membro do grupo sobre a vida profissional:

T1. A ideia do baú remete a lembranças de tempo passado, lugar onde guardamos coisas antigas que podem ser retiradas e mexidas quando queremos.



O texto foi visualizado pela maioria dos participantes (20) e pela interação ocorrida pode ser considerado como aquele que ao longo de 01 ano provocou a vontade de cada membro expressar o seu ponto de vista, narrar um fato relacionado com a imagem.

Com relação aos textos produzidos, enfatizamos aqueles produzidos pelos professores indígenas, ora denominados p1, p2, p3, sendo que houve as seguintes manifestações:

- P1 Olhando no meu baú, encontrei um pouco de tudo minha história de vida, ha como é rica essa história, meus projetos de vida, minhas frustrações e alegrias, meu primeiro momento em sala de aula como aluna, qto medo. Enfim um pouco de tudo até este exato momento em que me encontro, uma educadora...!! A minha alegria e de ter vencido todas as dificuldades que encontrei em minha caminhada para chegar até aqui e conquistar um pedaço do meu sonho.
- P2 Quando olhamos para o horizonte notamos a logentude, mas, se voce olhar para o Baú, notamos a beleza, a caminhada, os obstaculos, mas superamos e vencemos tudo, para um grande conquista que nos almeja, esperando por nós, para batalhar e conseguir uma nova conquista á" HONRA AO MERITO"...
- P3 Olhando para o meu baú encontrei o memorial da minha vida comecei a virar as paginas deste livro porque ali estavam as lembranças da minha vida desde da infancia ate no dia da minha formatura na faculdade. ali comecei a fazer um restropecto da minha vida tantas alegrias ,tristezas

.frustrações e ate das conquistas. lembro me quando comecei a estudar nao entendia nada da lingua portuguesa pq naquela epoca quem dava aula era branco mas conforme o tempo foi passando ja tinham indigenas estudando cursando magisterio e começaram a dar aulas e ai fui me desenvolvendo mas so que quando sai da aldeia novamente encontrei a mesma dificuldade e sofria discriminação.

Com relação ao P1, com relação à linguagem é nítida no texto a marca argumentativa, sendo assim, a história de vida docente é permeada de palavras em oposição: alegrias/tristezas/frustrações/caminhos de um sonho. Já no P2 a representação da imagem do baú remete à conotação de horizonte, de caminhada e principalmente de obstáculos ainda que represente uma conquista, ou seja, honra ao mérito. No P3, ao mesmo tempo, que se objetiva uma história de vida que perpassa pela infância à formatura percebe-se que ela é marcada pela representação linguística de palavras opositivas: alegria/tristeza, conquistas/decepções/discriminações.

É importante enfatizar que na concepção de Koch, podemos vislumbrar na fala dos participantes o papel fundamental da linguagem visto de uma forma integral e necessária, seja como representação do mundo e do pensamento, como instrumento de comunicação como também como lugar de ação e interação.

6. Considerações finais

As ações realizadas na Aldeia Bananal junto ao corpo docente, seja nos encontros presenciais como também nos encontros virtuais, têm oportunizado a nós pesquisadores junto aos professores uma oportunidade de incorporar, reconhecer e aproveitar as vivências dos docentes indígenas no tocante ao uso das TIC, atividade esta que está para além do espaço escolar, no sentido de construir e desenvolver práticas pedagógicas.

O nosso interesse junto ao grupo docente volta-se à possibilidade de despertarmos em cada um deles um processo permanente de trocas, diálogos, (re)significações, reflexões, questionamentos e aprendizagem com relação à formação continuada sob a perspectiva intercultural.

Por estarmos inseridos em uma sociedade cada vez mais digital, na qual as tecnologias de informação e comunicação estão presentes, sentimos que podemos contribuir para a formação continuada destes professores em uma perspectiva inclusiva, cultural buscando maximizar as possibilidades dos docentes na prática pedagógica.

Tem sido desafiante para nós, professores pesquisadores, relacionar a nossa prática mediada pelas TIC e pelas redes sociais em propostas viáveis de formação continuada para os professores indígenas em que contemple simultaneamente as diferentes culturas, a reconstrução de saberes em um ambiente colaborativo e interativo.

A dinamicidade da linguagem como ação e interação tem sido ao longo do tempo um dos nossos instrumentos de trabalho por oportunizar um diálogo efetivo no uso de outras interfaces: imagens, sons, gráficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, M. W; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando (Orgs.). *Educação crítica*. Análise internacional. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

ARAÚJO, Julio Cesar; BIASI, Bernadete Rodrigues. (Orgs.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Fernando; MARQUESI, Sueli Cristina. Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BARRETO, R. “Que pobreza?!” Educação e tecnologias: leituras. *Revista Contrapontos Eletrônica*, vol. 11, n. 3, p. 349-359 / set-dez 2011. Disponível em: <<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2854>>. Acesso em: fev.2013.

ESTRELA, Maria T; FREIRE, Isabel. Formação de professores. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, n. 8, p. 3-5, jan./abr. 2009.

FLEURI, R. M. Intercultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/ago. 2003, p. 16-35.

IMBÉRNON, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, VANI Moreira. *Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Coerência e ensi-

no. In: _____. *A coerência textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MENEZES, C. S. de et al. Educação a distância no ensino superior: uma proposta baseada em comunidades de aprendizagem usando ambientes telemáticos. In: Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 13, 2002, São Leopoldo. *Anais...* Porto Alegre: SBIE, UNISINOS, 2002, p. 168-177.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995, p. 11-30.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11 n. 31 jan./abr.2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a05v11n31.pdf>>.